

Scientific Electronic Archives

Issue ID: Sci. Elec. Arch. 8:3 (2015)

October 2015

Article link:

<http://www.seasinop.com.br/revista/index.php?journal=SEA&page=article&op=view&path%5B%5D=182>

Included in DOAJ, AGRIS, Latindex, Journal TOCs, CORE, Discoursio Open Science, Science Gate, GFAR, CIARDRING, Academic Journals Database and NTHRYS Technologies, Portal de Periódicos CAPES.



ISSN 2316-9281

Lixo, Saúde e Ambiente: A Percepção de Catadores de Recicláveis em Santo Antônio do Monte - MG

Trash, Health and Environment: The Perception Waste Pickers in Santo Antonio do Monte - MG

F. C. Aquino, A. R. Fonseca, D. M. R. S. Rabelo, F. F. Sousa

Universidade do estado de Minas Gerais

*Author for correspondence: fransamonte@hotmail.com

Resumo. O trabalho consistiu em um estudo de caso com catadores de materiais recicláveis que fazem parte de uma associação de catadores de Santo Antônio do Monte, localizada no município de Santo Antônio do Monte - MG. Portanto, teve como objetivo analisar a percepção do catador em relação à saúde, riscos e meio ambiente. Como instrumento de coleta de dados utilizou-se uma entrevista semiestruturada, sendo as questões tratadas pela análise de conteúdo de Bardin (2009). Dentre os aspectos observados foram constatadas as más condições de trabalho, a falta de conhecimento e uso dos equipamentos de proteção individual, o risco iminente de doenças e acidentes, a ausência de preocupação com a saúde, além da falta de compromisso da associação com os catadores em propiciar condições dignas de trabalho. Embora o catador reconheça a importância de seu trabalho na redução dos impactos ambientais causados pelo lixo, ele se sente discriminado pela sociedade e esquecidos por parte do poder público. Apesar disso, as falas apontaram para esperança de melhor qualidade de vida, com mais oportunidades de emprego e valorização social. Torna-se necessário, portanto, ações a fim de propiciar a esses trabalhadores condições dignas de trabalho, com garantias sociais e com reconhecimento por parte do poder público e da sociedade.

Palavras chave: Reciclagem, Catadores, Associação.

Abstract. The work consisted of a case study with collectors of recycled materials that are part of an association of collectors of Santo Antonio do Monte, located in Santo Antonio do Monte - MG . Therefore aimed to analyze the perception of the collector in relation to health, and environmental risks . As an instrument of data collection used a semistructured interview, the questions being addressed by content analysis of Bardin (2009). Among the aspects observed the poor working conditions were found, the lack of knowledge and use of personal protective equipment the imminent risk of accidents and illnesses, lack of concern for health and the lack of commitment of the association with the collectors in providing decent working conditions. Although the collector recognizes the importance of its work on reducing the environmental impact caused by waste, he feels discriminated against by society and forgotten by the government. Nevertheless, the testimonies pointed to hope for a better quality of life, with more job opportunities and social value. It is therefore necessary actions in order to provide these workers decent working conditions, with social guarantees and recognition by the government and society.

Keywords: Recycling, Sorters of recyclable, Association.

Introdução

O modo de vida nas cidades, aliado ao crescimento populacional e o conseqüente aumento no consumo de bens e alimentos, tem ocasionado uma série de efeitos nocivos sobre a população e ao meio em que os indivíduos vivem, pois traz consigo problemas como o aumento na geração de lixo e a exclusão social (ALMEIDA et al., 2009; ROOS et al., 2010; SERBIM; FIGUEIREDO, 2011).

Nesse cenário, como forma de sobrevivência e geração de renda, muitas pessoas tem buscado seu sustento no lixo, através da coleta

de materiais recicláveis (SIQUEIRA; MORAES, 2009; RIOS; FONSECA, 2008; PEREIRA; AMARAL, 2010; CUNHA, 2011). Este trabalhador, comumente chamado de catador de recicláveis, na maioria das vezes tem seu sustento reduzido em função do baixo ganho e ainda coloca em risco sua saúde devido às más condições de trabalho, à insalubridade dos ambientes onde atua e ainda, às extensas jornadas (MINAYO et al., 2000; PORTO et al., 2004).

Visando melhorar suas condições econômicas e sociais, muitos catadores tem

buscado a formação de cooperativas ou associações (ZANETI et al., 2009; JESUS et al., 2012). Ao se organizarem, esses trabalhadores geralmente alcançam benefícios, como local adequado para a separação, acondicionamento e venda dos materiais provenientes da coleta, assim como obtenção de melhores preços, o que proporciona a estes indivíduos mais dignidade e renda.

Diante desse cenário, questões ligadas à qualidade de vida dessa classe trabalhadora passaram a ser tema comum entre pesquisadores, por servirem como indicadores para a compreensão e melhoria das condições de vida desses indivíduos (MINAYO et al. 2000; CAVALCANTE; FRANCO, 2007; KIRCHNER et al., 2009; ROOS et al., 2010; SERBIM; FIGUEIREDO, 2011; BAZO et al., 2011; MIURA; SAWAIA, 2013; CASTILHOS JÚNIOR et al., 2013).

Tendo em vista a atual problemática que envolve a geração e o tratamento dado ao lixo, assim como a vida dos trabalhadores que dependem desse recurso como fonte de sobrevivência, este estudo buscou avaliar a percepção dos catadores de recicláveis de uma associação em Santo Antônio do Monte, Minas Gerais, acerca do seu trabalho, saúde e do meio ambiente. Salienta-se que essa associação é a primeira a se instalar no município, tratando-se de uma nova experiência para a cidade e sua população, assim como para os catadores associados.

Metódos

O estudo foi realizado no município de Santo Antônio do Monte, que se localiza na região centro-oeste de Minas Gerais, considerada uma cidade que se destaca por possuir intensa atividade no ramo de produção de fogos de artifício. O município possui uma área de 1.126 km² e área urbana situada na interseção das coordenadas geográficas 20° 05' 12" de latitude sul e 45° 17' 28" de longitude oeste, distante 194 km da capital Belo Horizonte, sendo sua população estimada de 25.980 habitantes (IBGE, 2010).

O trabalho constou de um estudo de caso através de uma pesquisa exploratória de natureza qualitativa, sendo a população de estudo constituída pelo conjunto de pessoas envolvidas com a catação de recicláveis, por meio de uma associação de catadores de materiais recicláveis de Santo Antônio do Monte, que contava no período da realização da pesquisa com onze catadores assíduos e um número variável de outros que não aderiram por completo às normas da associação.

Como instrumento de levantamento de dados utilizou-se uma entrevista semiestruturada (APÊNDICE B), aplicada aos catadores da associação que aceitaram o convite em participar do estudo. Todos os associados (n = 11) participaram da pesquisa, realizada em janeiro e fevereiro de 2013, nas dependências da própria associação. Os

dados obtidos foram analisados através da análise de conteúdo de Bardin (2009).

Antecedendo-se ao estudo o encaminhamento do projeto a um Comitê de Ética em pesquisa, conforme Resolução 196/96, regulamentada pelo Conselho Nacional de Saúde, sendo este aprovado pelo parecer número 142.559.

Princípios Éticos

Essa pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética da FUNEDI/UEMG e foi aprovada dentro dos princípios éticos e da legislação vigente.

Resultados e discussão

Dentre os 11 catadores pesquisados, seis indivíduos eram do sexo masculino e cinco do sexo feminino. A maior parte dos catadores apresentava idade entre 51 a 62 anos (quatro indivíduos). Três indivíduos situavam-se na faixa etária entre 18 a 28 anos, sendo o mesmo número obtido para a faixa entre 29 a 39 anos. Apenas um trabalhador relatou ter idade entre os 40 a 50 anos. O fato de haver uma maior quantidade de trabalhadores idosos (entre 51 e 62 anos) envolvidos na catação evidencia um grave problema social de exclusão do mercado de trabalho formal em função da idade dos indivíduos. Muitas vezes o serviço de catação tem representado a esses idosos a única possibilidade obtenção de renda, expondo os mesmos a riscos e esforços físicos inapropriados a essa idade. Medeiros & Macêdo (2006) e Rios & Fonseca (2008) destacam que a presença de idosos nesse tipo de labor é comum em vários estados brasileiros e que a idade avançada desses catadores está geralmente relacionada ao aumento do desemprego associado à escolarização precária e baixa condição social, garantindo assim a sua subsistência dentro de uma realidade social marcada pela incerteza e insegurança.

Vários trabalhos como os de Rios & Fonseca (2008), Kirchner et al. (2009), Cunha (2011) e Castilhos Júnior et al. (2013), realizados com catadores de recicláveis, apontam que o perfil destes trabalhadores está normalmente relacionado à baixa escolaridade, incapacidade de realizar trabalhos mais elaborados ou são meramente desempregados que não conseguiram uma recolocação no mercado de trabalho. Desta maneira, esta parcela da população geralmente vive em situações precárias, habitando moradias com pouca estrutura física, onde é comum realizarem o acúmulo do material coletado, ficando, assim, expostos a doenças ou acidentes em função do grande número de material inflamável estocado.

Aspectos relacionados à saúde

Quanto aos riscos que o trabalho de catação de recicláveis oferece, oito entrevistados afirmaram que existem riscos associados ao trabalho e três não consideraram essa possibilidade. Tal resultado aponta para um baixo esclarecimento dos catadores em relação ao seu trabalho, uma vez que, praticamente, a terça parte deles desconhecem

a possibilidade de acidentes e contaminações que o seu trabalho oferece, o que os torna mais suscetíveis aos riscos.

De acordo com o Cavalcante & Franco (2007); Siqueira & Moraes (2009) e Ferraz et al. (2012), existem vários riscos associados ao trabalho da catação, devido ao fato dos catadores manterem contato com o lixo, que pode, além de causar acidentes, possibilitar o contato direto com agentes patogênicos, tornando iminente o risco de contaminação indireta através das vias ambientais, ocupacionais e alimentares. Silva (2007) acrescenta que os catadores de materiais reciclados, ao entrarem em contato com o lixo, podem se tornar vetores mecânicos para disseminação de doenças adquiridas no manuseio com material contaminado.

Entre os riscos reconhecidos e citados pelos catadores entrevistados verificou-se a contaminação por material insalubre (n = 5), a possibilidade de acidentes com material cortante (n = 4), alergias e irritação nos olhos (n = 1) e problemas intestinais (n = 1).

“A gente está exposto ao contato com lixo, que tem mau cheiro, e isso dá alergia em muitos que trabalham aqui, além disso, tem muitas vezes que alguém tem as mãos cortadas quando vai separar o lixo do que pode ser reciclado, porque tem morador que não separa o lixo” (Catador 1, 22 anos).

“A vida no lixo não é fácil, já tem um tempo que sinto irritação nos olhos e já tive muito problema no intestino e isso tudo é por causa da sujeira, a gente mexe no lixo todo dia, aí não tem como não ficar doente” (Catadora 1, 39 anos).

No tocante à ocorrência de acidentes durante o trabalho de catação, quatro trabalhadores disseram já ter sofrido algum tipo de acidente - os demais (n = 7) disseram nunca terem se acidentado durante a catação. Entre os acidentes citados pelos catadores estão as perfurações por materiais pontiagudos (n = 3), lesões na coluna por carregar muito peso (n = 3) e cortes por materiais quebrados e cortantes (n = 4). Para estes indivíduos, o maior problema relacionado aos acidentes refere-se à limitação ou impedimento para a continuidade do trabalho, pois quando sofrem acidentes de proporções mais severas, têm que se manter afastados do trabalho por mais tempo. Ressalta-se que alguns desses trabalhadores (n = 3) afirmaram sofrer algum tipo de acidente por corte ou perfuração mais de uma vez ao mês e que estes ocorrem normalmente no momento em que realizam a separação dos resíduos na própria associação.

“Eu já sofri acidente com material cortante cinco vezes, alguns cortes eu tive que dar pontos, outros só enfaxeiei o local e sarou. Mais já vi gente que ficou com o corte

inflamado por muitos dias” (Catadora 2, 62 anos).

Observou-se também que a ação do catador frente ao acidente, na maioria das vezes, é ignorar ou dar pouca importância ao ocorrido, realizando apenas um simples curativo ou fazendo uma atadura com panos. Tal situação pode ser constatada a partir das seguintes falas:

“Nem sempre dou importância para algum corte, se não for grave, eu continuo o trabalho, não posso ficar parando pra cuidar de todo machucado que aparecer, com o tempo acaba sarando” (Catador 2, 55 anos).

“Eu quando machuco só faço um curativo com algum pano que encontro aqui mesmo na associação, lavo pra tirar o sangue e depois volto a trabalhar, não gosto de perder tempo. Aqui a gente ganha pelo que produz então se eu tiver que ir ao posto pra olhar algum machucado estou perdendo o pouco do dinheiro que ganho aqui” (Catadora 1, 39 anos).

Indagados sobre a utilização de Equipamentos de Proteção individual (EPI's), os entrevistados responderam que não costumam utilizar equipamento de proteção (n = 7) porque já estão acostumados com o trabalho e não tem preocupação em se cortar com algum objeto encontrado no lixo. Entretanto, quatro catadores disseram utilizar EPI's apenas em alguns casos, quando consideram que existe maior risco de se ferirem com algum tipo de material ou substância reconhecidamente tóxica ou contaminante. Segundo Castro et al. (2012), um dos mais importantes fatores de prevenção de acidentes na atividade de catação e separação de recicláveis reside no uso de EPI's. A utilização desses equipamentos são referenciados na norma NR-6 (que trata do uso de EPI's), a NR 24 (Condições Sanitárias e de Conforto nos Locais de Trabalho) e a RDC 15 (ANVISA, 2012) que dispõe sobre a manipulação de materiais pérfurocortantes.

“Eu não uso equipamento de proteção porque aquilo acaba atrapalhando meu serviço, e também os equipamentos que tem aqui na associação são muito velhos. Eu não tenho medo de ficar doente não, porque as vezes que peguei alguma doença fui ao posto e tomei o remédio que o médico me deu” (Catador 3, 62 anos).

“Eu não uso equipamento de proteção porque tem bastante tempo que estou aqui na associação e nunca sofri nenhum acidente grave, só uns cortezinhos de vez em quando mais não atrapalharam meu trabalho” (Catador 5, 42 anos).

A partir dessa constatação, torna-se de fundamental importância que a associação promova a conscientização dos catadores sobre o uso de EPI's, além de disponibilizá-los e exigir o seu uso. Também foi notório na fala dos catadores que a maioria deles (n = 7) não sabe ao certo qual a função dos EPI's, assim como quais são necessários para o trabalho que executam:

“Aqui a maioria da gente não usa nada pra proteger. Tem uns colegas que de vez em quando usam umas luvas velhas que ficam lá no fundo do barracão, mais ninguém acha isso muito importante” (Catadora 3, 29 anos).

No entanto, verificou-se uma minoria (n = 3) que compreende os fatores de risco e, desta maneira, fazem uso de luvas e botas. Para Pereira e Amaral (2010) a dificuldade que muitos catadores de materiais reciclados têm em utilizar EPI's reside no fato que muitos, em função da baixa escolaridade, não compreendem sua importância ou ainda, consideram que estes ao invés de ajudar, atrapalham a realização de seu trabalho, podendo-se citar o uso de luvas que reduz a agilidade na hora de realizar a separação do material coletado.

Questionados sobre a ocorrência de algum tipo de doença após começarem a trabalhar como catadores, todos afirmaram já terem sido acometidos por alguma doença que tinha relação com seu trabalho, sendo citadas: dor de cabeça (n = 4), tonturas (n = 6) e desgaste nas articulações (n = 1). Silva (2007) e Cavalcante & Franco (2007) relatam que entre as doenças que mais se relacionam com trabalho da catação destacam-se principalmente as de caráter ocupacional devido ao elevado volume de materiais que carregam e ao número excessivo de movimentos repetitivos e de horas trabalhadas e, ainda, ao potencial contaminante do material que recolhem. Tais condições podem culminar em disfunções musculoesqueléticas, dores lombares, problemas nas articulações, problemas psiquiátricos e infecções, dentre as quais se destacam as contaminações intestinais e respiratórias, parasitoses, hepatites e doenças de pele.

Segundo Jesus et al. (2012), a qualidade de vida dos catadores possui estreita relação com o processo de saúde-doença, pois este trabalhador ao se inserir em um ambiente insalubre e receber remuneração baixa, deixa de ter condições de buscar por uma vida mais confortável. Dentro deste contexto, os autores reiteram que *“ambientes saudáveis que facilitem e favoreçam a saúde, especialmente o trabalho, estão associados à qualidade de vida das populações (p. 2)”*.

Foi também perceptível na fala dos trabalhadores que as enfermidades relacionadas à catação têm em sua percepção uma importância secundária quando em comparação com o trabalho desenvolvido, visto que dele depende sua renda e, conseqüentemente, sua sobrevivência.

“Aqui a gente sofre com algumas dores sim, mais toma um remedinho e depois passa, ninguém pode se dar ao luxo de escolher o que vai carregar ou o tipo de lixo que vai mexer, assim, a gente fica o dia inteiro revirando o lixo e acaba até se acostumando. Ninguém queria ter essa vida não, mais como não tem outro emprego, vai levando do jeito que dá. A saúde vai ficando pra trás, porque a gente tem que ganhar nosso pão de cada dia” (Catadora 2, 62 anos).

“Eu acho que a gente não pode ficar dando importância para qualquer doença não, porque não podemos escolher trabalho e o que temos é esse aqui de catar lixo e separar o que dá pra vender, então mesmo quando a gente está sentindo dor, mas ainda consegue ficar de pé, tem que continuar trabalhando” (Catador 6, 39 anos).

Questionados sobre onde procuram tratamento no caso de problemas de saúde, oito catadores disseram buscar algum tipo de tratamento. Dentre os locais citados, sete apontaram o posto de saúde e apenas um o hospital municipal.

“No posto a gente tem mais amizade com as agentes de saúde que resolvem nosso problema mais rápido. Agora quando a gente procura o hospital, muitas vezes ficamos horas esperando pelo doutor que só dá uma olhadinha e passa um remédio, sem dar nenhuma atenção” (Catadora 1, 39 anos).

“Eu vou no posto de saúde porque fica perto da associação e as agentes de saúde vem aqui para perguntar se a gente quer marcar algum exame. Mais quando vou no hospital acho ruim porque demora muito, acho que o povo que trabalha lá faz pouco caso da gente que é mais pobre” (Catador 5, 42 anos).

A preferência pelo atendimento em postos de saúde geralmente ocorre em função da proximidade e da facilidade de contato entre o catador e o agente de saúde. Atualmente, no Programa de Saúde da Família, PSF's de Santo Antônio do Monte, são realizados diversos atendimentos e pré-atendimentos hospitalares, que na maioria das vezes consegue atender aos catadores. A despeito da busca por tratamento de saúde, observa-se que sete dos catadores não mencionaram serem dependentes de medicações ou tratamento de saúde.

“Não tomo remédio não, às vezes tomo um pra dor mais não é sempre. Prefiro ficar calada e trabalhar senão tem gente que pensa que a gente reclama de alguma doença é pra ter dó da gente” (Catadora 3, 29 anos).

“Eu tomo uns remédios pra pressão, mais também na minha idade quem dera que não tomasse nada. Acho até que tenho saúde demais. Vejo um monte de gente que tem doença do coração, diabete e toma um monte de remédio. Deus me deu saúde para aguentar esse trabalho difícil então pra que vou reclamar” (Catadora 4, 63 anos).

No que se refere à realização de exames periódicos de saúde, os resultados mostraram que somente três indivíduos realizam exames laboratoriais anualmente, sendo que os demais mostraram não ter a preocupação em realizar exames dessa natureza. Tal constatação evidencia a falta de conhecimento acerca da importância da prevenção de doenças, além da compreensão reduzida sobre os riscos reais ao qual estão expostos em seu local de trabalho.

“Eu não faço exame porque não estou sentindo nada. Não gosto de ficar indo no médico a toa. Qualquer coisa tomo um remédio mesmo que já estou acostumado. Pra que ficar procurando doença?” (Catador 2, 55 anos).

“Não acho que é preciso ficar fazendo exame todo ano, ainda sou novo e por isso não sinto nada, então não estou doente. Consigo trabalhar e não gosto de ficar reclamando. Não tenho serviço melhor então se eu ficar doente, eu é que vou ficar no prejuízo. Na minha opinião tenho uma saúde muito boa” (Catador 4, 21 anos).

Com relação à vacinação, oito entrevistados disseram terem sido vacinados. Entre os tipos de vacina mencionados, seis catadores se vacinaram contra hepatite B e dois contra hepatite B e tétano. Verificou-se que os catadores não tinham esclarecimento suficiente sobre a necessidade e os tipos de vacinas que deveria receber. Muitos consideram que as vacinas são importantes apenas para crianças e, além disso, não conseguiram estabelecer uma relação entre seu trabalho e a necessidade de serem imunizados. Segundo Silva (2007), é importante que os catadores de materiais reciclados sejam vacinados para prevenir doenças passíveis de serem adquiridas no ambiente de trabalho, sendo recomendadas as vacinas para hepatite B, tétano e febre amarela.

“Não acho importante ter que vacinar para trabalhar no recolhimento de materiais recicláveis. Nunca tive nenhum problema por causa de algum machucado durante a separação do lixo” (Catadora 4, 63 anos).

“Eu gosto de ter minhas vacinas em dia, a gente nunca sabe o tipo de coisa que vem no lixo. Não quero arriscar a ficar doente não. Já

vi muita gente morrer de doença do lixo por causa de ignorância. A vacina é de graça então não custa nada tomar” (Catador 4, 21 anos).

No que se refere aos vícios, seis catadores afirmaram fumar regularmente e cinco disseram não ter qualquer vício. O uso de cigarro por trabalhadores que manuseiam materiais potencialmente contaminantes eleva o risco de intoxicação, uma vez que o fumante pode se contaminar ao pegar o cigarro com a mão suja e o levar à boca. Castro et al. (2012) complementam apontando o risco de incêndios, já que nas associações de catadores predominam materiais de fácil combustão.

Fato curioso foi que nenhum dos catadores se considera viciados em bebidas alcoólicas, embora alguns (n = 4) relataram fazer uso regular desse tipo de bebida. Para estes, o fato da bebida não influenciar negativamente o trabalho não a torna indicativo de vício, pois viciado seria “aquele que bebe sem ter o compromisso com o trabalho”.

“Às vezes eu gosto de tomar uma cerveja ou uma cachaça depois que saio da associação. Mais é só pra distrair, depois volto pra casa e durmo pra trabalhar no outro dia. Não fico a noite toda bebendo, eu não sou viciado, sei a hora que já bebi muito” (Catador 2, 55 anos).

“Não gosto de bebida não, porque vi meu pai a vida toda brigando com a minha mãe e com a gente. Todo mundo tinha medo dele quando ele chegava em casa do bar. Estava sempre tonto. Acho que por isso morreu cedo e deu sossego pra minha mãe. A maior parte do dinheiro que ganhava ficava lá mesmo no bar” (catador 4, 21 anos).

Porto et al. (2004) observaram resultados semelhantes em seu estudo com catadores de recicláveis no Rio de Janeiro - RJ. Nele, 79,8% dos catadores afirmaram consumir bebidas alcoólicas, mas a maior parte não assumiu serem viciados. Conforme Ferreira et al. (2013), o perfil dos consumidores de bebidas alcoólicas aponta para uma maioria masculina jovem. No entanto, o consumo abusivo tem na maioria das vezes uma relação direta com a baixa escolaridade, renda ou tipo de ocupação, havendo ainda fatores de ordem cultural e social que podem influenciar o consumo de bebidas alcoólicas por jovens e adultos em idade economicamente ativa.

Aspectos relacionados ao meio ambiente

Observou-se que todos os entrevistados (n = 11) consideram seu trabalho importante para o meio ambiente, pois, segundo estes, evitam que elevadas quantidades de lixo passíveis de serem reaproveitados sejam jogados em locais inadequados, como rios, matas, ruas e lotes vagos.

“O trabalho que eu e meus colegas realizamos evita que o lixo seja jogado na natureza causando muitos danos, como a poluição dos rios ou o acúmulo de lixo nas ruas. Além disso, os materiais que nós reciclamos são reaproveitados para outras coisas e diminui o corte de árvores ou a diminuição dos peixes que vivem nos rios e que são mortos por causa da contaminação da água” (Catadora 3, 29 anos).

“Na minha opinião meu trabalho contribui e muito para a limpeza da cidade, além disso ao invés de jogar o lixo na natureza, eu e meus colegas fazemos a separação do que pode ser reaproveitado o que evita o desperdício. Assim, deixamos o meio ambiente mais limpo e evitamos a destruição dele por outras pessoas” (Catadora 1, 39 anos).

Segundo Fagundes (2009) e Ferraz et al. (2012), a questão da preservação ambiental está intimamente relacionada com o desenvolvimento sustentável e este pode ser visto como um processo político, uma vez que integra o cenário econômico, ambiental, social e cultural. Assim, visa prioritariamente à manutenção da qualidade de vida, disponibilizando recursos ou mesmo administrando escassez. Dentro deste contexto, a importância do catador para a limpeza urbana é grande, já que os resíduos, que antes poderiam impactar o ambiente, são reaproveitados, evitando a proliferação de doenças e a degradação ambiental.

Aspectos relacionados ao trabalho e à sociedade

Quando questionados sobre quais as principais dificuldades encontradas em seu ambiente de trabalho, foram constatados os seguintes resultados: más condições de trabalho (n = 5), elevados riscos à saúde (n = 3) e a dificuldade de aceitação pela sociedade (n = 3).

“A vida de catar material reciclado não é fácil, a gente passa por dificuldade, é visto como pessoa suja e tem algumas pessoas que tem até medo da gente” (Catador 2, 55 anos).

“Eu me sinto muito cansado no fim do dia, acho que uma das maiores dificuldades são as doenças que a gente pode pegar, a gente tem uma condição de trabalho muito ruim, mesmo na associação a gente encontra algumas dificuldades porque é difícil separar o material e nem todo mundo separa o lixo” (Catador 3, 62 anos).

Tais resultados corroboram com as afirmações de Jesus et al. (2012), que além das dificuldades apontadas acima, acrescentam ainda a falta de regulamentação dos direitos trabalhistas, as condições precárias de trabalho e a baixa remuneração.

Quando argumentados sobre o que poderia ser melhorado em seu ambiente de trabalho, os catadores citaram a criação de um registro de trabalho (n = 2); melhores condições no local onde fazem a reciclagem (n = 4); a conscientização da população para fazer a separação do lixo que pode ser reciclado (n = 3); além de apoio por parte dos governantes para melhorar a qualidade de vida das pessoas que vivem do lixo (n = 1). Apenas um entrevistado relatou não haver possibilidade de melhoria no trabalho da catação.

“Eu vejo que aqui na associação falta organização, alguém pra comandar o trabalho. Se tivesse alguém pra tomar conta a gente ia ficar só por conta do trabalho e podia melhorar o que a gente ganha. Acho que o prefeito tinha que fazer alguma coisa por nós” (Catadora 3, 29 anos).

“Se a gente tivesse pelo menos carteira de trabalho ia poder ficar mais tranquilo, porque se a gente ficar doente ou machucar podia ficar de licença e receber do governo, mais como ninguém tem isso, tem que sacrificar e trabalhar do jeito que tiver. A carteira de trabalho ia melhorar bem nossa vida” (Catador 5, 42 anos).

Percebe-se que os catadores consideram a possibilidade de melhorar suas condições de trabalho assim como as condições de vida e de renda, a partir de uma reestruturação da própria associação, onde questões como a falta de uso de EPI, imunização dos trabalhadores e carteira de trabalho que, apesar de serem direitos adquiridos, não são disponibilizados pela associação e nem são cobrados pelas autoridades públicas. Esta reestruturação pode ocorrer através de iniciativas públicas ou privadas ou até mesmo em parcerias, pois o trabalho de reciclagem pode alavancar a economia tanto do município quanto dos trabalhadores que lidam com o material reciclável, melhorando sua condição econômica e as relações entre homem e meio ambiente através de ações de reaproveitamento do material reciclável que, quando bem administradas, apresenta resultados positivos, baixo custo e rentabilidade satisfatória (Pereira & Amaral, 2010).

Questionados sobre qual a visão a sociedade tem do catador, cinco entrevistados responderam que as pessoas consideram o trabalho como “ruim” e “sujo”. Outros cinco apontaram que as pessoas consideram seu trabalho como sendo positivo, pois prestam um serviço em favor da sociedade e do meio ambiente. Apenas um catador considerou que a maior parte das pessoas vê o papel do catador como bom em alguns aspectos, mas criticam em outros:

“A comunidade está caminhando, ainda falta muito para que todos tenham consciência dos

benefícios e malefícios do lixo, mas chegaremos lá” (Catadora 3, 29 anos).

“Meu trabalho é importante, mais tem gente que não vê assim, eles olham para o catador de material reciclado e acham que nós somos sujos e que realizamos um trabalho que não é digno. Por isso muita gente prefere ficar à toa do que ser catador de lixo, pelo menos assim não ficam escutando crítica de outras pessoas” (Catadora 5, 18 anos).

Tais resultados corroboram com as afirmações de Cunha (2011), que cita que o trabalho do catador é visto por muitas pessoas como sendo algo sujo e que possui pouco valor devido ao fato deste trabalhador ganhar a vida através do lixo. Já para Roos et al. (2010), apesar de possuir um trabalho muitas vezes insalubre e realizado em condições precárias, o catador é reconhecido por parte da população pela realização de uma atividade de grande importância ambiental e pela manutenção da sustentabilidade do planeta ao reaproveitar recursos diversos.

Segundo Medeiros & Macêdo (2006), o trabalho com o lixo não tem uma única representação ou sentido, ou é dotado de características ruins ou de características boas. Ele abarca tanto aspectos positivos quanto negativos, por isso a relação dos catadores com o lixo é ambígua, refletindo a dialética inclusão/exclusão, saúde/doença, orgulho/humilhação. Miura & Sawaia (2013) complementam apontando que o lixo representa para os catadores seu meio de vida, a condição para garantir sua sobrevivência, a sua integração no mercado de trabalho, sem deixar de ter uma conotação negativa, construída socialmente em torno do lixo, ou seja, lixo é aquilo que é jogado fora, que gera asco, discriminação e preconceito.

Sobre a percepção dos catadores quanto ao seu trabalho, sete afirmaram gostar do que fazem, pois sentem estar contribuindo com a limpeza da cidade. No entanto, quatro catadores gostariam de ter uma qualidade de vida melhor, com mais oportunidades de emprego ou com maior valorização social.

“Eu gostaria de ter um trabalho melhor, que tivesse maior reconhecimento por parte da sociedade, mais eu mesmo considero importante o serviço que faço. Estou colaborando com a limpeza da cidade, ganho meu dinheirinho e aqui na associação as coisas vão melhorando com o tempo” (Catador 6, 39 anos).

“Aqui na associação a gente é amigo um do outro, tem sempre alguém pra ajudar quem está precisando. Gosto do meu trabalho porque sou bem tratada aqui dentro e acho que tem muita gente que considera a reciclagem como uma coisa muito importante. Apesar de ter pessoas que não reconhece,

sei que se a gente não fizesse esse trabalho ia ficar um monte de lixo aí espalhado” (Catadora 5, 18 anos).

A fala dos catadores demonstrou uma expectativa de crescimento, de melhorias. Neste contexto, ações voltadas à melhoria das condições de trabalho são de grande importância para garantir a melhoria das condições sociais e econômicas dos catadores assim como de toda a associação, pois, como foi possível observar, a vida daqueles que atuam como recicladores está sujeita a diversas dificuldades.

Considerações finais

O contato com os catadores permitiu uma visão ampliada de como esses indivíduos reconhecem o seu trabalho e a relação deste com a sua saúde e o meio ambiente. A problemática observada no trabalho desses indivíduos está circundada por diversas questões e entre elas foram destacadas neste estudo: as más condições de trabalho, a falta de utilização de EPI's, o risco iminente de acidentes com materiais perfurocortantes, o desgaste físico e a ausência de preocupação com a própria saúde. Observou-se, ainda, que, apesar dos catadores pertencerem a uma associação, esta não exerce efetivamente seu papel na assistência de seus associados, pois apesar de possibilitar a geração de uma renda melhor não há uma preocupação no tocante às condições de trabalho, higiene ou cuidado com a saúde.

Verificou-se também que ao se tornarem catadores, esta opção não foi considerada uma escolha, e sim resultado da falta de opção dentro do mercado de trabalho, pois estes geralmente não possuem qualificação que lhes permita exercer outro tipo de profissão dentro do mercado formal.

Foi possível concluir que mesmo exercendo um trabalho em prol de toda a sociedade com destaque à preservação ambiental, o catador continua se sentindo desvalorizado perante a mesma. Há, portanto, uma necessidade emergente de se criar políticas públicas para amparar os cidadãos que vivem do lixo, dando condições para que estes sejam inseridos no contexto socioeconômico e vistos como trabalhadores.

Referências

ALMEIDA, J. R.; ELIAS, E. T.; MAGALHÃES, M. A. de; VIEIRA, A. J. D. Efeito da idade sobre a qualidade de vida e saúde dos catadores de materiais recicláveis de uma associação em Governador Valadares, Minas Gerais, Brasil. *Ciência Saúde Coletiva* 14(6): 12-25, 2009.

ANVISA. **Resolução - RDC Nº 15, de 15 de março de 2012.**

<http://www.anvisa.gov.br/hotsite/segurancadopaciente/documentos/rdcs/RDC%20N%C2%BA%2015-2012.pdf>.

- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Edições Setenta, Lisboa, Portugal. 229p. 2009.
- BAZO, M. L.; STURION, L.; PROBST, V. S. Caracterização do reciclador da ONG RRV em Londrina-Paraná. **Fisioterapia em movimento** 24(4): 63-72, 2011.
- CASTILHOS JUNIOR, A. B. RAMOS, N. F.; ALVES, C. M.; FORCELLINI, F. A.; GRACIOLLI, O. D. Catadores de materiais recicláveis: análise das condições de trabalho e infraestrutura operacional no Sul, Sudeste e Nordeste do Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva** 18(11): 3115-3124, 2013.
- CASTRO, J. M. de; ZANDONADI, F. B. OLIVEIRA, A. P. S. de. **Riscos Ocupacionais entre trabalhadores catadores de materiais recicláveis em vazadouro a céu aberto (lixão) no município de Sinop/MT – um estudo de caso**. 2012. http://www.segurancaotrabalho.eng.br/artigos/rolix_ao.pdf.
- CAVALCANTE, S.; FRANCO, M. F. A. Profissão perigo: percepção de risco à saúde entre os catadores do Lixão do Jangurussu. **Revista Mal-Estar Subjetividade** 7(1): 211-232, 2007.
- CUNHA, M. R. R. L. da. Lixo, identidade e trabalho: a construção da identidade dos catadores de materiais recicláveis associados de Goiânia. **Sociedade e Cultura** 14(1): 53-61, 2011.
- FAGUNDES, D. da C. Gerenciamento de resíduos sólidos urbanos em Tarumã e Teodoro Sampaio – SP. **Sociedade & Natureza** 21(2): 159-179, 2009.
- FERRAZ, L.; GOMES, M. H. de A.; BUSATO, M. A. O catador de materiais recicláveis: um agente ambiental. **Cadernos EBAPE** 10(3): 763-768, 2012.
- FERREIRA, L. N.; BISPO JÚNIOR, J. P.; CASOTTI, C. A.; BRAGA JÚNIOR, A. C. R. Prevalência e fatores associados ao consumo abusivo e à dependência de álcool. **Ciência e saúde coletiva** 18(11): 3409-3418, 2013.
- IBGE – **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. Censo demográfico, 2010.
- JESUS, M. C. P. de; SANTOS, S. M. dos R.; ABDALLA, J. G. F.; JESUS, P. B. R. de; ALVES, M. J. M.; TEIXEIRA, N.; JESUS, R. R. de; VILELA, M. M. P.; MATTOS, L. R. Avaliação da qualidade de vida de catadores de materiais recicláveis. **Revista Eletrônica de Enfermagem** 14(2): 277-85, 2012. <http://dx.doi.org/10.5216/ree.v14i2.15259>.
- KIRCHNER, R. M.; SAIDELLES, A. P. F.; STUMM, E. M. F. Percepções e perfil dos catadores de materiais recicláveis de uma cidade do RS. **Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional** 5(3): 221-232, 2009.
- MEDEIROS, L. F. MACEDO, K. B. Catador de material reciclável: uma profissão para além da sobrevivência. **Revista Psicologia & Sociedade** 18(2) 62-71, 2006.
- MINAYO, M. C. de S.; HARTZ, Z. M. de A.; BUSS, P. M. **Qualidade de vida e saúde: um debate necessário**. Ed. Manole, São Paulo, SP, Brasil. 239 p. 2000.
- MIURA, P. O.; SAWAIA, B. B. Tornar-se catador: sofrimento ético-político e potência de ação. **Psicologia & Sociedade** 25(2): 331-341, 2013.
- PEREIRA, M. F. B.; AMARAL, A. S. Lixo, segurança e saúde: conscientizando os agentes ecológicos do município de Dourados-MS a respeito de segurança do trabalho. **Periódicos UEMS** 3(1): 19-38, 2010.
- PORTO, M. F. S.; JUNCA, D. C. de M.; GONCALVES, R. de S.; FILHOTE, M. I de Fr. Lixo, trabalho e saúde: um estudo de caso com catadores em um aterro metropolitano no Rio de Janeiro, Brasil. **Cadernos de Saúde Pública** 20(6): 1503-1514, 2004.
- RIOS, C. M.; FONSECA, A. R. Lixo e Cidadania: um estudo sobre catadores de recicláveis em Divinópolis. **Cadernos da Pós Graduação Contemporaneum**. 2008. http://www.funedi.edu.br/index.php?option=com_content&view=article&id=1123&Itemid=518.
- ROOS, D.; CARVALHAL, M.; RIBEIRO, S. A precariedade do trabalho dos catadores de material reciclável no oeste paranaense e a dinâmica estratégica da reprodutividade do capital. **Revista Pegada** 11(2): 26-32, 2010.
- SERBIM, A. K; FIGUEIREDO, A. E. P.L. Qualidade de vida de idosos em um grupo de convivência. **Scientia Medica** 21(4) 4, p. 166-172, 2011.
- SILVA, M. C. da. **Trabalho e saúde dos catadores de materiais recicláveis em uma cidade do Sul do Brasil**. 220f. (Tese de doutorado) - Universidade Federal de Pelotas. Pelotas, Brasil, 2006. <http://www.epidemioufpel.org.br/uploads/teses/tese%20marcelo%20cozzensa.pdf>.
- SIQUEIRA, M. M.; MORAES, M. S. de. Saúde coletiva, resíduos sólidos urbanos e os catadores de lixo. **Ciência & Saúde Coletiva** 14(6) 2115-2122, 2009.
- ZANETI, I. C. B. B.; SÁ, L. M.; ALMEIDA, V. G. Insustentabilidade e produção de resíduos: a face oculta do sistema do capital. **Sociedade e Estado** 24(1): 173-192, 2009.